

Autor: Claudio Mangifesta

Título: Corpos

Dispositivo: Mesas Simultáneas de Trabajos Libres

---

A problemática do corpo situada como objeto ou como conceito, resiste toda forma de fechamento, já que na certeza instituída ou na cristalização de alguma verdade que pretende-se dogmática e única, renovando a cada momento uma pergunta que não deixa de insistir. O que o corpo? Ou de um modo mais preciso o que é um corpo a partir da descoberta freudiana? Como é constituída essa trama? Tem se modificado esse conceito com o desenvolvimento da teoria analítica?

A experiência analítica funda a possibilidade da emergência de um outro corpo – embora, com Freud pode-se dizer que encontramos com múltiplos corpos-deitados no divã, se revelando um novo corpo: o corpo da “anatomia imaginária” da histeria cujas “vias” não responderem às vias nervosas da neurologia mais responderam a fatores ligados às palavras e se mostram como corpo fragmentado imaginariamente, quer isto dizer, um corpo marcado pelo desejo e a castração.

Um corpo libidinal, suporte de fixações e investidas, têm que se referir às áreas erôgenas y coloca-las em relação à pulsão, e que poderíamos como capaz de suportar a escrita. Assim, os sintomas da histeria são semelhantes à escrita geroglífica ou rebús conduzidos pelo sujeito para quem possa e saiba lê-los.

Um corpo como imagem, corpo unificado do narcisismo; etc.

A histeria tem nos ensinado que o corpo não responde à biologia. O corpo não se reduz ao organismo nem acaba-se nos limites da nossa pele, pois o corpo é atravessado pela linguagem. É um outro modo de dizer que a realidade orgânica es subvertida pelo impacto significativo da linguagem, e o que explode desse modo é a tradicional dicotomia cartesiana da res pensare e res extensa, o pensamento y a sua extensão, o cogito e os espaços corporais.

Proposta freudiana que inverte a razão cartesiana, já que o corpo não somente é sua extensão, embora compreende uma dimensão do gozo.

Para o psicanálise, o ser falante se constitui no campo da linguagem. A linguagem, precede o sujeito, e pelo efeito da mortificação do gozo, da carne, que é quem marca o seu corpo deixando uma inscrição, e introduzindo ao mesmo tempo, a idéia de

uma falta. Paradoxa que deixa como ganho uma palavra pela perda do gozo, suposto total. Operação que deixa, então, um resto. Não refere então à anatomia (que Freud fazia destino), sinão à ana-tomia: função de corte.

Este corpo que “é visto como um outro objeto”, terceiro. Continúa sua conceptualização dentro da mesma teoria psicanalítica, a partir da introdução dos três registros?

Um breve repaso ao conceito de Lacan, ajuda-nos a situar a eficácia na intervenção psicanalítica.

Em seu trabalho fundador sobre o estágio do espelho, trata-se da constituição da imagem do corpo em quanto totalidade a partir da imagem (unificante) que lhe devolve o espelho do Outro, e da correlativa constituição do Eu. Entre o prematuro e a antecipação, entre o deslocamento e a unificação, entre a multiplicidade próprioceptiva e a imagem visual, o corpo surge como suportada instauração do Eu, concebido como a projeção numa superfície (superfície que é o corpo) em outra superfície (o campo do Outro) Um corpo que se aparece-nós e apreende-se como forma, pela sua aparência: “os homens adoram esta aparência do corpo humano. Eles, adoram, podemos dizer então, uma pura e simples imagem” Imagem que tem como resultado constituir, uma “concordância dupla entre dois sistemas” O significante introduz a idéia de unidade, criando o corpo como o corpo como representação, embora, fazendo que um corpo como organismo perda-se caindo ao lugar do desconhecimento, pois “nem sei que é um corpo vivo. É um feito pelo qual nos dirigimos a Deus”

Em “A Terceira”, ao propor a escritura “borromea” para os três registros: o real, o simbólico, o imaginário. O corpo aparece claramente inscrito num anel do imaginário, enquanto o imaginário implique o corpo. Quer isso dizer que o corpo se reduz ao imaginário?, uma leitura mais atenciosa ao Estádio do Espelho tem nos indicando outras dimensões do corpo já presentes lá? Ainda, não tinha já inserido nos seus primeiros seminários o conceito de “corpo de significantes”?

Impacto da palavra sobre o corpo. Palavras, fonemas, letras, que incidem e marcam-o. Corpo do simbólico ou conjunto de significantes pelo qual o corpo é falado, libra de carne aonde se inscrevem os significantes da demanda do Outro e movimentam pelo seu intermédio, os desejos dos Outros parentais, antes, ainda do nascimento da criança.

Em outra parte, falando em outro lugar, dos dois buracos que o touro tem, aí o autor destaca como lá é colocado em questão do que é o espaço. Em Descartes o espaço passa por extenso, “embora é a ideia de um outro tipo de espaço a que funda o corpo” Espaço topológico: o touro que “não parece um corpo” serve para demonstrar que o corpo como superfície não anula o buraco da castação, representado nesta figura pelo buraco central, ou eixo.

Nos anos setenta, Lacan fez uma reubicação do conceito de corpo, operando operando assim uma mudança no seu estatuto. Ao respeito, é explícito em “L’insú...” : “Tomei conta que consistir quer dizer que falar do corpo, há um corpo do imaginário, um corpo do simbólico –é a lingua- e um corpo do real do que não sabe-se como sair”

O real “mistério do corpo que fala”. A estrutura já não é somente o simbólico, também es R.S.I. ligados “borromeicamente”. Corpo trezado: tecido do real ligado ao efeto simbólico da palavra e ao imaginário da representação.

Corpo como substancia gozante, do significante, e do sentido que é fundamento de uma clínica que empurra seus limites para tentar dar um nó ou fenda em qualquer dos três fios, em qualquer ponto do entramado de esse tecido afetado pelo seu mal-estar.

Corpo real: difíceis homologações às vezes ao organismo ou fisiologia que aparece como excluída.

O real do corpo: todo o que o corpo fuge às tentativas de simbolização ou da imaginação.

O corpo do real: referido a uma logica: logica dos nudos, de não-todo a de sexuação. Dificuldade do sujeito para assumir a “não relação sexual”

Se o corpo não aparece no Real senão como mal-entendido, poderemos intervir e incidir nele abordando-o desde o recurso real da linguagem.

Preeminência de uma geometria do tecido, do fio, do ponto, do corte, que es uma necessidade esencial –diz Lacan- para “a valoração do que é o pano de uma psicanálise”